

Modernismo e Regionalismo-Tradicionalista-Nordestino: Algumas Considerações

(Para o Portal do Bicentenário)

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira ¹

É preciso compreender em síntese o pano de fundo das ideias modernistas e do regionalismo-tradicionalista-nordestino.

A semana de 22, que teve lugar no Teatro Municipal de São Paulo, entre 11 e 17 de fevereiro, apresentou uma programação de conferências, recitais poéticos, concertos e exposição de artes plásticas, tomando como modelo a programação dos festivais de arte futuristas e dadaístas. O evento não aconteceu por acaso em São Paulo, mas teve como antecedente uma série de acontecimentos artísticos importantes, desde a polêmica exposição de Anita Malfatti em 1917, que provocou a ira do crítico Monteiro Lobato; até a organização de um grupo de artistas e intelectuais militantes, liderados por Mário e Oswald de Andrade, que questionavam a tradição artística e lutavam em prol de uma arte brasileira em consonância com as propostas das vanguardas europeias.

O enraizamento das propostas modernistas no Brasil é, como se sabe, fenômeno característico dos anos de 1930, momento no qual se legitimou a nova gramática das obras e dos estilos, forjada, especialmente, no interior da geração vanguardista de São Paulo no decênio de 1920. Os desdobramentos ocorridos ultrapassam os significados usuais que transformações desse vulto provocam no universo da cultura, uma vez que, muito embora o Modernismo tenha sido na origem um fenômeno tipicamente de São Paulo, e mesmo do Rio de Janeiro, a fixação dos princípios vanguardistas só se realizou integralmente com a incorporação de outras regiões. As metrópoles são sempre os locais tradicionalmente de respiração das mudanças; no entanto, no âmbito da literatura, gênero mais enobrecido da cultura brasileira até então, as inovações do período fizeram-se sob o compasso de princípios diversos, embora também originais.

¹Bolsista PNPd-CAPES/PPGH/UFCG e Doutor em História Social pela FFLCH/USP. Publicou individualmente os livros *Correspondência Modernista e Regionalista de Luís da Câmara Cascudo (1922-1984)* (EDCCTA/UFPB, 2019), *Luís da Câmara Cascudo e a invenção do “feminino” na “cultura-popular-nordestina” (1938-1977)* (EDUFCG, 2009), além de artigos em periódicos especializados.

O fato de o modernismo ter o seu início simbólico não na Capital Federal, mas na província, em São Paulo, tornava evidente e dava maior relevância à diversidade de núcleos de produção cultural do Brasil. Desse modo, a difusão nacional do modernismo acentua e legitima a heterogeneidade dos ambientes em que ele se desenvolve e, com isso, por um lado complexifica a noção de modernismo, por outro a própria noção de literatura brasileira. O caso de Pernambuco se destaca nessa perspectiva porque, além da forte marca regionalista que o caracteriza, ele também evidencia a tensa relação entre grupos que compõem o modernismo, tendo em vista que é da simultaneidade de três vertentes que se produz a dinâmica local do movimento: o “futurismo” de Joaquim Inojosa, a mistura difusa de localismo e experimentação formal da *Revista do Norte* (1923-1926), e o regionalismo programático de Gilberto Freyre. Contudo, se essa ramificação em pequenos grupos mostra as arestas, os desencontros e os desentendimentos dentro do modernismo, ela também cria um solo comum estético e social de um conjunto de obras contemporâneas e contraditoriamente entrelaçadas.

Nesta lógica, a circunscrição do Modernismo aos limites de um único acontecimento – a *Semana de Arte Moderna* – leva a perda da dinâmica causada pelo impacto do movimento, que acionou uma vasta rede de representações, subjetividades, imaginários e práticas culturais no conjunto do Brasil. O Modernismo não se restringira ao eixo Rio de Janeiro – São Paulo, mas irradiara-se por vários estados do Brasil como Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, propiciando a composição de grupos em torno de discussões que provocaram movimentos, manifestos, revistas, além da difusão de ideias e práticas da vida social.

Tal condição, pode ser reforçada no estudo de Oliveira (2019), onde foi apresentado uma análise, pormenorizada da correspondência de Luís da Câmara Cascudo com Mário de Andrade, Joaquim Inojosa, Gilberto Freyre e José Américo de Almeida entre os anos de 1922 a 1984, tendo como objetivo ampliar o debate historiográfico travado em torno da tentativa de restringir a produção intelectual de Câmara Cascudo à sua filiação ao Movimento Modernista ou ao Movimento Regionalista Tradicionalista do Nordeste.